

Você já ouviu falar sobre direitos humanos?

Aposto que a sua resposta foi afirmativa. Contudo, o mais provável é que tenha lhe chegado a noção genérica de que eles abarcam todos os seres humanos, ou, ainda, o entendimento raso – e equivocado – de que só se destinam aos “bandidos”. Apesar desses entendimentos estarem incompletos ou equivocados, eles não estão errados: o errado é achar que direitos humanos se resumem a isso. E pior, imaginá-los como um mecanismo de merecimento ou pertencimento, como algo a ser barganhado.

Séculos atrás um grupo de pessoas se reuniu contra um governo abusivo e mostrou o que a força do posicionamento e da cidadania poderia fazer, propiciando a criação da “Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão”, a primeira declaração de direitos, que visava abarcar toda a humanidade e defendia a igualdade entre todos os seres humanos. Foi uma verdadeira revolução, a Revolução Francesa. Em diversos eventos posteriores a procura por condições básicas à humanidade continuou de forma intensa, ainda que essa busca, por si só, seja contraditória, pois dignidade humana deveria ser – e é – intrínseca ao ser humano. Pois é, falar sobre direitos humanos é complexo, mas ao mesmo tempo incrivelmente simples: óbvio até. Eles estão infiltrados nos nossos dias.

Sabe aquela situação de não proporcionar aos reclusos um ambiente digno, com trabalho, educação e saúde e, portanto, não oferecer oportunidades para uma ressocialização? Aquele enfermo que busca assistência? Aquele travesti da novela retratando a realidade de quem tem 35 anos de média de vida no nosso país? Tudo isso representa a busca por dignidade, por respeito aos mais básicos pilares da existência. Por que, então, o oferecimento destes ainda peca pela falta em tantas realidades? Por que, então, falar sobre eles é tão limitado, quase um tabu? Por que eles sempre são remetidos a parcelas, digamos, “marginalizadas” da sociedade e sempre com um teor pejorativo?

Exatamente porque os direitos que são polemizados, que causam estranheza, são aqueles quase nunca pensados, nunca levados em consideração. Já pararam para pensar nisso? E pior: a forma como reagimos a eles diz muito sobre como as pessoas a quem eles se destinam são enxergadas, expressa quão humanas elas são consideradas dentro desses direitos para humanos. É aquele questionamento que causa embrulho no estômago: “Direitos humanos para quais humanos?”! Eles pertencem a todos, sem distinção! Mas é perceptível que certas parcelas são mais mencionadas ou causam mais polêmicas que outras. E isso existe porque enquanto para uma parte da população os direitos são tão naturalizados ao ponto de se tornarem quase que imperceptíveis, para outras eles causam estranheza, comoção, choque. É quase como se a gente fizesse um ranking de quem é mais humano e menos humano. E isso é perturbadoramente assustador. E é por isso que a luta deve continuar!

Hoje a Ouvidoria Geral inicia um projeto chamado “Direitos humanos em tirinhas”, que será divulgado semanalmente, com o intuito de inovar os meios de difusão e fomento à educação em direitos humanos. Esperamos que gostem, até mais!